

Diálogos com a obra de Maria Isaura de Queiroz: traços messiânicos no caso do bispo Dom Antônio Maria Malan da cidade de Petrolina-PE (1924-1931)

Dialogue with the work of Maria Isaura de Queiroz: messianic remains in the case of
bishop Antonio Maria Malan of the city of Petrolina-PE (1924-1931)

Thulio André Moura de Aquino¹

Resumo

O presente artigo pretende estabelecer um diálogo entre a obra "Messianismo no Brasil e no mundo" de Maria Isaura Pereira de Queiroz com o momento vivido na cidade de Petrolina-PE, durante a criação da sua Diocese e da chegada de Dom Antônio Maria Malan, seu primeiro bispo, no início do século XX. Ressalta-se, inicialmente, a dificuldade em creditar-se a este período o conceito de movimento messiânico abordado pela autora em questão. No entanto, observa-se a existência de uma religiosidade semelhante a estes movimentos na cidade de Petrolina, no respectivo período, pois há, na figura de Dom Malan, características citadas pela autora, que o assemelham aos líderes messiânicos. É, portanto, na busca por compreender até que ponto há características messiânicas no caso do Bispo de Petrolina que se construirá a presente análise.

Palavras-chave:

Messianismo.

Igreja Católica.

Religiosidade.

Abstract

This paper intends to make a dialogue between the work "Messianism in Brazil and in the world" by Maria Isaura Pereira de Queiroz with the moment lived in the city of Petrolina-PE during the creation of his Diocese and the arrival of Don Antonio Maria Malan in the beginning of the 20th century. Initially we want to emphasize the difficulty in crediting this period as a messianic movement in the same concept discussed by the author. But the main question is to understand if there are messianic characteristics in the case of the Bishop of Petrolina and if we could explain it with the concept of messianism.

Keywords:

Messianism.

The Roman Catholic Church.

Religiosity.

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco, mestre em História por esta mesma instituição e licenciado em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Email: thulioaquino@hotmail.com

Por ser o Brasil um país de dimensões continentais e ter sido colonizado por Portugal, um país de pequena territorialidade e população, desde o início da colonização brasileira observou-se a dificuldade em administrar a colônia, seja pela sua extensão territorial ou pela carência da presença humana. Isso resultou na ausência e na precariedade de diversos aspectos na constituição da colônia, fazendo com que muitas regiões distantes e/ou interioranas, ficassem à margem da colonização (FAORO, 1998, p. 17).

A cidade de Petrolina enquadra-se nessas características quando se verifica o relato de João José Nascimento, morador de Petrolina: “naquele tempo não tinha nada, não tinha estrada [...]. Só tinha o trem. Não tinha estrada, não tinha nada. Eu mesmo viajei muito pra Salvador de trem” (MAGALHÃES, 2010, p. 55).

Em fins do século XIX, a cidade de Petrolina nada mais era do que uma pequena cidade no interior pernambucano. Não é a toa que tal lugar ficou conhecido como “passagem para Juazeiro” (BRITTO, 1995, p. 14), fazendo referência a vizinha cidade baiana, que era conhecida na época pela sua boa estrutura.

A disparidade entre a cidade de Petrolina e a cidade de Juazeiro é facilmente observada ao se considerar que, no ano de 1924, data da chegada do primeiro bispo de Petrolina, Juazeiro era conhecida como “futura capital do São Francisco”, sendo muito bem estruturada:

Possuía uma bela Igreja [...] possuía também Hospital de caridade, viação do São Francisco (transporte fluvial), matadouro público, Câmara Municipal, telégrafo, Mercado Público, Correio, Banco do Brasil, sede de capitania dos portos, Prédio escolar, Club comercial (instituição

beneficente), estação de trem, tipografia e jornal “o Echo” (CAVALCANTI, 1999, p. 13).

Ao contrário de Juazeiro, Petrolina estava mais próxima de cidades consideradas “esquecidas” no Brasil tendo uma população seis vezes menor de que a de Juazeiro. Na época, a cidade apenas representava um trecho do caminho que era percorrido por comerciantes que traziam mercadorias de outras regiões, como o Piauí, visando a chegar a Juazeiro e de lá alcançar Salvador e o resto do país. A cidade pernambucana teve por muitos anos a alcunha de “passagem para o Juazeiro”. Seu comércio era pequeno e voltado para o mercado interno e, geralmente, os comerciantes ricos da cidade tinham comércio na vizinha Juazeiro, usando Petrolina apenas como estoque de produtos (CHILCOTE, 1991, p. 57).

Nas cidades com tais características formaram-se sociedades marcadas por uma luta de superação de ausências e contra a precária situação política e econômica local, abrindo espaço para elementos de mudanças, através da ação de determinadas forças que supriram essas carências.

Provavelmente, uma das forças mobilizadoras foi a religiosidade. Nessas regiões é notória a presença de um profundo senso de espiritualidade. A vida de boa parte destes povos gira em torno de valores religiosos. A espiritualidade, em tais localidades, tendia a organizar e moralizar a comunidade.

Em seu livro “Messianismo no Brasil e no Mundo”, Maria Isaura Pereira de Queiroz afirma que os movimentos sociorreligiosos são agentes sociais e agem nos momentos de crise ou de mudanças para estruturação das sociedades (QUEIROZ, 1965, p. 75). Para a

socióloga, não é apenas o homem moderno que trabalha para transformar o mundo em que vive. Logo, na sua ótica, o desejo de melhorias sociais não pertence somente aos modernos e aqueles que vivem em localidades mais estruturadas, pois indivíduos conscientes procuraram melhorar ou transformar o meio em que vivem através de determinadas formas, entre elas, a religião (QUEIROZ, 1965, p. 425).

A crença da vinda de uma espécie de messias está associada à possibilidade de transformação da realidade existente por meio da atuação deste líder religioso não somente no Brasil, mas também perceptível desde as mitologias tribais e até as religiões provenientes do judaísmo. Através da religião constitui-se um sentimento de responsabilidade do homem diante da sociedade e das injustiças que pode encerrar. Motivados por crenças messiânicas, os indivíduos sentem que podem modificar o mundo social (DESROCHE, 2000).

Refletindo sobre as crenças messiânicas que Maria Isaura encontra na identificação popular do messias proveniente da Bíblia, que propõe, através de sua vinda, um novo tempo em que a paz e a prosperidade poderiam ser instauradas.

O messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do Bem sobre o Mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do Paraíso Terrestre, tratando-se pois de um líder religioso e social" [...] Obviamente que esse líder não é uma pessoa qualquer, mas sim alguém que revelou ter "qualidades pessoais extraordinárias, provadas por meio de faculdades mágicas que lhe dão autoridade; trata-se pois de um líder essencialmente carismático (QUEIROZ, 1965, p. 27).

A motivação, existente na análise dessa autora sobre diversos movimentos messiânicos

é identificada durante a criação da Diocese de Petrolina no início do século XX. Assim, uma cidade ainda limitada e dependente como era Petrolina, teve, a partir da religião e da figura de um líder espiritual, a possibilidade de organizar-se para mudar o seu meio de vivência.

O marco para tais acontecimentos deu-se quando a Igreja Católica tomou a decisão de trazer para a cidade de Petrolina uma Diocese, julga-se que essa decisão ocorreu devido à privilegiada posição geográfica da cidade, já que a "passagem de Juazeiro" interliga o interior pernambucano com o interior baiano, além de interligar o norte e o sul do país. Outro fator relevante estava na população predominantemente católica ali existente, desde o século XVIII, devido à inegável presença da Igreja pelo constante envio de missionários (BRITTO, 1995, p. 15).

Em 15 de agosto de 1924, o escolhido para bispo da nova diocese foi Dom Antônio Maria Malan. Nascido na Itália, Malan passou a maior parte de sua vida na França e foi escolhido pelo reconhecimento do seu trabalho nos sertões indígenas de Mato Grosso como bispo de Araguaia.

A vinda do futuro bispo de Petrolina foi vista como capaz de produzir frutos para a cidade. Não é por acaso que, posteriormente, o bispo foi denominado de "Super-Homem" e "novo Moisés" em artigos do jornal petrolinense "O Pharol" (A NOVAES, 1929, p. 1). Tal alusão ao bispo, observada nos jornais da época, demonstra as similaridades existentes entre ele e a figura de liderança observada nos escritos de Maria Isaura ao afirmar que: "O termo 'messianismo' foi empregado para designar [...] a crença na vinda de um enviado divino, que trará aos

homens justiça, paz e condições felizes de existência” (QUEIROZ, 1965, p. 383). Dessa forma, sustentado por um misto de crença e de expectativa, o bispo Dom Malan arregimentou a cidade na construção desta nova sociedade.

Após a sua chegada, o então recém-empossado Bispo empreendeu uma série de reformas na cidade, seguindo os preceitos da romanização². Com a elevação da paróquia de Petrolina à de Diocese até a chegada do novo bispo, a cidade possuía a Igreja Matriz, na época chamada de cátedra episcopal, que já precisava de reformas. A partir da chegada de Antônio Maria Malan, essa reforma foi questionada pelo Bispo e pelos membros da Diocese. Apesar de considerada uma Igreja de porte suficiente para uma cidade com as características de Petrolina, Dom Malan ambicionou maiores projeções para a Diocese. Logo, um mês depois de sua posse, criou uma comissão para construir uma igreja catedral.

A intenção do Bispo foi desenvolvida tendo o objetivo de que a construção da Catedral representasse um marco no desenvolvimento da cidade, que viria por consequência. Tal pensamento pode ser ilustrado, a partir de uma de suas frases: “construindo-se a Casa de Deus todo o resto virá por acréscimo” (CAVALCANTI, 1999, p. 15).

O cenário no qual o primeiro bispo “profetizou” o crescimento da cidade apresenta semelhanças ao que Maria Isaura enfatiza sobre a figura do líder messiânico ao destacar que este:

afirma formalmente a esperança numa transformação positiva das condições penosas de existência prestes a se produzir, desencadeada por um personagem divino. [...] garantia de que modificações benéficas serão trazidas pelo messias ao mundo profano (QUEIROZ, 1965, p. 27).

Quando se constata a mobilização que gerou a construção da catedral, percebe-se a esperança criada pela presença do bispo da cidade de Petrolina e a crença em dias melhores.

Além disso, pode-se observar o forte senso comunitário concentrado na figura do líder no momento. Assim, as pessoas passaram também a incluir-se e identificar-se como pertencentes a um mesmo grupo trabalhando sob a orientação do líder para a melhoria local.

Quanto ao transporte das pedras, para o local da construção foram usados os meios da época. Mesmo assim, para abrir a consciência à participação, o bispo fazia o povo, em certos momentos, carregar as pedras. Muita gente carregou pedras na cabeça. Em alguns domingos D. Malan, ficava esperando a procissão de fiéis portando pedras que foram usadas para construir as paredes externas da catedral (CAVALCANTI, 1999, p. 15).

O projeto da construção da catedral uniu os diversos grupos políticos existentes na cidade que o apoiaram financeira e presencialmente (CAVALCANTI, 1999, p. 14). Sua mobilização para melhoria estrutural da cidade o aproximou dos chefes políticos locais e o fizeram também um líder político (PADILHA, 1982, p. 85).

A capacidade aglutinadora do bispo Dom Malan em atrair diversos grupos num mesmo projeto garantiu o apoio de vários grupos sociais. O bom relacionamento entre o Bispo e os políticos locais permite que se reflita sobre a maneira que nem todos os movimentos

² Foram os historiadores ligados ao CEHILA que difundiram a utilização do termo **romanização** como sinônimo do projeto ultramontano de restauração católica para o Brasil dos séculos XIX e XX. O conceito de romanização já aparece formulado no tomo II/2 da obra **História da Igreja no Brasil**, publicado em 1980, que se tornou um clássico para qualquer estudo de história das religiões no Brasil (RIBEIRO, 2003, p. 34).

religiosos tiveram um desejo de ruptura com o Estado³.

A vinda do Bispo a Petrolina representou o fortalecimento do que Maria Isaura Pereira de Queiroz denomina de catolicismo oficial, que se misturou com o dito 'Catolicismo rústico', até então predominante no país, devido às dificuldades de ocupação do Brasil já apontadas no início deste artigo.

O catolicismo rústico constituiu-se como uma forma de religiosidade católica popular e desenvolveu-se em comunidades interioranas, na qual a presença de representantes oficiais da Igreja inexistia ou era fraca. Em tais regiões, a religião foi importante por produzir uma espécie de solidariedade comunitária, sendo útil para o fortalecimento da cidade (Cf.: QUEIROZ, 1965, p. 104). O primeiro bispo de Petrolina soube apropriar-se desta característica e usá-la com o catolicismo oficial. Uma vez que observamos nas mobilizações da Igreja uma ampla participação popular dos fiéis através de um processo no qual o bispo agregou deles a solidariedade em favor das ações da igreja, como na construção da Catedral e do hospital em que se viram multidões se revezando para a conclusão das obras.

À medida que se pode observar, na abordagem de Maria Isaura Pereira de Queiroz, a figura do líder religioso inserida no catolicismo popular é possível perceber também, no caso de Petrolina, a figura deste líder presente no catolicismo oficial.

De fato, a construção da Catedral trouxe a cidade de Petrolina à necessidade de melhorar sua infraestrutura. A partir deste

projeto inicial, pôde-se observar a mobilização popular para melhoria da cidade como um todo.

Por ser Juazeiro, a cidade vizinha, "irmã rica" de Petrolina, mais estruturada, servia ela de comparação e referência. Por isso, a partir da construção da catedral, nota-se a comparação entre as duas cidades num visível desejo de que a cidade pernambucana se desenvolvesse tanto quanto a cidade baiana.

Esta cobrança é observável no principal jornal de Petrolina "O Pharol":

Enquanto na fronteira cidade assistimos o dese rolar de uma phase brilhante de administração, rica de todos os princípios de honestidade, animada do mais forte espírito de boa vontade e de ingentes esforços conjugados, nós, no que se refere as cosas da prefeitura, vamos retrogradando.[...] o povo bom e paciente, escorchado de impostos, espera que os ouvidos de vv. ss. estejam abertos para estes insignificantes pedidos esperando também que os olhos de vv. ss. vejam o grande exemplo visinho (O PHAROL, 1929, p. 1).

Não há dúvida de que, após a construção da catedral, aumentou a pressão pela melhoria da cidade. Esta pressão gerou uma mobilização política que fez outras áreas também serem desenvolvidas.

Na época da chegada do Bispo Dom Malan, mesmo mediante um revezamento na ocupação do cargo da cadeira de Prefeito⁴, existia uma família que exercia maior influência na cidade. Os familiares de sobrenome Padilha migraram da capital pernambucana para o interior entre final do século XIX e início do século XX através da figura de seu patriarca, José de Rabelo Padilha, coronel da Guarda Nacional, função que desde cedo o aproximou do poder político.

³ Vide o caso de Juazeiro do Norte no Estado do Ceará, na qual a liderança religiosa manteve fortes laços com as lideranças políticas regionais e nacionais, fazendo do Estado um aliado.

⁴ Ao todo foram três em apenas sete anos.

A família Padilha mantinha ainda forte relacionamento com a Igreja Católica, tendo quatro dos seus membros entrado para a vida religiosa: dois ordenados padres e duas freiras.

Embora estivessem no poder, os Padilhas não eram considerados políticos próximos do povo. A exceção foi o médico Pacífico Luz que entrou para família dos Padilha ao se casar com Bernadina Padilha. A união deste casal rendeu a Pacífico a sua entrada para política. Exercendo atividade política associada a sua profissão, Pacífico da Luz aproximou-se de Dom Malan, a quem considerava um santo e deu continuidade aos desejos do bispo.

Os movimentos descritos por Maria Isaura Pereira de Queiroz seguem um padrão sequencial - primeiro o líder, depois seus apóstolos e finalmente os fiéis. É o estímulo inicial do líder que produz a ação de seus seguidores. No caso petrolinense, o caráter proativo do bispo estimulou as ações do prefeito Pacífico da Luz que se tornou um seguidor nesta empreitada religiosa.

Durante sua gestão, Pacífico da Luz confirmou que era mais médico que prefeito, uma vez que continuou a exercer a profissão, tendo, inclusive, ausentando-se da Prefeitura, em 1934, para assumir a função de Médico de Higiene do Estado, sendo substituído, primeiramente, por seu secretário José Pombo e, depois, pelo seu colega de partido, José Cardoso de Sá. Suas principais realizações foram voltadas para as questões de saúde pública, o que o aproximou da população petrolinense (AQUINO, 2011, p. 72).

Notoriamente, o poder político do prefeito foi posto em segundo plano, tendo sua capacidade de ofertar serviços médicos, proteção à comunidade e manter bom relacionamento com a população se tornado mais importante que sua atividade política

(SOUZA, 2001, p. 77). Esse desvio se acentuou com a presença e incentivo do Bispo Malan.

Outra função clara do líder religioso era a orientação aos fiéis considerados perdidos e carentes devido à ausência de quem os orientasse. Pensando neste aspecto, observa-se na postura de Dom Malan a preocupação com a educação da população petrolinense e com a preparação para esta nova vida que ele propunha dentro da nova Petrolina.

Para tanto, o Bispo trouxe para a cidade freiras da Ordem das Salesianas, a fim de ajudá-lo na construção do Colégio Maria Auxiliadora. Na época, o colégio destinava-se apenas as mulheres. O líder religioso também foi o responsável pela construção do Colégio Dom Bosco destinado, na época, apenas para o público masculino.

Existiam colégios na cidade à época da construção dos dois colégios religiosos. Dom Malan, entretanto, acreditava ser fundamental, para o desenvolvimento da cidade, uma orientação católica. Essa situação justifica a sua preocupação com a construção desses colégios. Para tanto, Dom Malan contou mais uma vez com a participação do prefeito Pacífico da Luz. Antes mesmo da inauguração do colégio feminino, a futura diretora da instituição, Modesta Martinelli faleceu, o que gerou o desejo das outras irmãs de voltar para a Itália, seu país de origem. Foi à intervenção de Pacífico que as fez permanecer e abrir o colégio.

Outra forma escolhida pelo Bispo de transmitir suas crenças para os fiéis foi o uso da 'boa imprensa', que representava seus interesses baseados na moral ética e fé cristã.

Os esforços da Igreja em prol desta “boa imprensa” foram imensos⁵.

O ano de 1924, no qual Dom Antônio Maria Malan foi enviado para a cidade para assumir o posto de bispo diocesano, também marcou o início de uma aliança que duraria sete anos entre o jornal “O Pharol” e o bispo. O jornal assumiu a função de propagar as suas diretrizes não apenas para a cidade de Petrolina, mas também da região circunvizinha. Tanto os colégios quanto o jornal cumpriram sua função. Os colégios por muitos anos foram referências na cidade e nos dias atuais ainda são considerados como os mais tradicionais. O jornal “O Pharol” foi durante o século XX um dos veículos de informação mais importantes da cidade.

Semelhantemente aos principais líderes messiânicos, a intensa passagem pela cidade de Petrolina do Bispo Malan encerrou-se de forma repentina. Da mesma maneira que Antônio Conselheiro ou João Maria, Dom Malan faleceu deixando a cidade órfã de sua liderança. Em 1931, quando realizava uma das suas muitas viagens em busca de apoio financeiro para realização de suas obras, ele adoeceu e terminou por falecer. Seu corpo foi trazido para Petrolina e seu velório foi realizado como pompa de um verdadeiro guia espiritual. Assim como outros líderes dos movimentos abordados por Maria Isaura Pereira de Queiroz, suas obras foram além de sua breve estadia, pois se perpetuaram, revelando a força de sua proposta religiosa.

Petrolina hoje tem inúmeros pontos que recebem o nome do bispo; colégios, ruas, praças, hospitais e lojas com o nome de Bispo Malan são facilmente visíveis pela cidade.

Na maioria das vezes, os movimentos messiânicos analisados por Maria Isaura foram caracterizados por ações de figuras que usaram o povo como massa de manipulação. Queiroz observa que estas literaturas não reconhecem influências positivas ou ações benéficas de tais movimentos, pois entendem que eles não modificavam a sociedade existente, servindo apenas para distrair a atenção das massas aos reais problemas existentes.

Tais argumentos também defendem que, sem esses movimentos, a sociedade adquiriria de forma mais rápida uma consciência política, que lhes permitiria procurar soluções racionais e eficientes para seus problemas.

No entanto, os estudos de Isaura transferem outro olhar para tais movimentos. Em lugar de constituir apenas um florescimento religioso diante da escassez de recursos locais, os movimentos de cunho religioso foram vistos como produtos da consciência populacional do ambiente em que viviam e provinham; e revelam a percepção de que determinados líderes podem representar a solução para estes problemas. Assim, tais movimentos podem ser considerados fenômenos sociais normais, decorrentes da lógica de que através deles é possível obter um ganho social (QUEIROZ, 1965, p. 425).

As obras realizadas pelo Bispo são exemplos de melhorias proporcionadas para a sociedade, pois, para que essas fossem construídas, foi necessária à mobilização da população e dos políticos locais. O estandarte da religião foi um relevante recurso por fazer

⁵ “No início do século XX, a hierarquia eclesiástica intensificou a sua política em defesa da criação de uma imprensa que estivesse a serviço da defesa da moral, da ética e da fé cristã. Neste sentido, passou a incentivar a comunidade católica a que dedicasse seus esforços na difusão e preservação de um jornalismo que defendesse e propagasse a verdade católica (a boa imprensa), em combate a um jornalismo que cada vez mais disseminava a “irreligião” e a “imoralidade” (a má imprensa)” (AMARAL, 2010, p. 60).

com que o povo pudesse ter acesso a questões que, anteriormente, não lhes era acessível, representando, com isso, a ampliação de seus direitos.

Dialogando com a obra de Maria Isaura de Queiroz é possível, portanto, constatar as características messiânicas da

atuação do Bispo de Petrolina e, assim, conhecê-la. Cada característica revela ao leitor detalhes da atuação que, apesar de sua especificidade, configura-se em elementos semelhantes aos movimentos messiânicos brasileiros.

Referências

AMARAL, Walter Valdevino do. **Que Fizeram “Ellas”?** As Filhas de Maria e a Boa Imprensa no Recife, 1902-1922. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

AQUINO, Thulio André Moura de. **Caminhos do poder:** Práticas políticas da família Coelho na cidade de Petrolina-PE, 1930-1947. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2011.

BRITTO, Maria Creusa de Sá e. **Petrolina:** origem, fatos, vida, uma história. Petrolina: Tribuna do Sertão, 1995.

CAVALCANTI, Pe. Francisco José Pereira. **Catedral de Petrolina: profecia e evocação.** Petrolina: Editora Franciscana, 1999.

CHILCOTE, Ronald H. **Transição capitalista e a classe dominante no Nordeste.** São Paulo: EDUSP, 1991.

DESROCHE, Henri. **Dicionário de messianismos e milenarismos.** São Bernardo do Campo, Editora UESP, 2000.

FAORO. Raymundo. A aventura liberal numa ordem patrimonialista. **Revista USP.** São Paulo, n. 17, 1998.

MAGALHÃES, Pablo Michel Cândido Alves de. Catedral de Pedra como identidade social: A memória coletiva na construção do “ser petrolinense”. **Historien.** Revista de História. Petrolina, n. 3, abr./set. 2010.

A NOVAES. Impressões de Petrolina. In: **O Pharol.** Petrolina, 30 mai. 1929, p. 1.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no Mundo.** São Paulo: Dominus Editora, 1965.

PADILHA, Antônio de Santana. **Petrolina no tempo, no espaço, na vez.** Recife: Centro de Estudos de História Municipal, 1982.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Igreja Católica e Modernidade no Maranhão, 1889 – 1922.** 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.

SOUZA. João Morais. **As Práticas do coronelismo:** estudo de caso sobre o domínio político dos Coelho em Petrolina-PE. 2001. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2001.

Artigo recebido em 19 de outubro de 2013.
Aceito em 05 de novembro de 2013.